

GRAMÁTICA PEDAGÓGICA

LUÍZ DE SOUSA

Tendo em conta a situação concreta dos estudantes de Letras das Universidades brasileiras, os quais na sua maioria, se destinam ao ensino embora não disponham de formação curricular, o autor propõe que a cadeira Linguística IV se defina como Linguística Aplicada e se ocupe, particularmente, da Gramática Pedagógica. Depois de uma apreciação das vantagens desta definição, são apresentadas hipóteses práticas de trabalho e exemplos concretos de análise de erro.

PEDAGOGICAL GRAMMAR

Considering that the majority of Brazilian students of Arts will be teachers later on in spite of their lack on specific academic preparation, the author proposes that Linguística IV will be Applied Linguistics dealing mainly with Pedagogical Grammar. After having appreciated the advantages of this definition he presents some practical hypotheses of work and concrete examples of error analyses.

Inicialmente, gostaria de pedir desculpa porque não trouxe um texto já definitivo; inclusive, não sabia com certeza se iria chegar a tempo a Portugal e se haveria espaço para participar. Mas as coisas estão mais ou menos recentes na minha cabeça porque o que vou apresentar aqui é um resumo da minha tese de doutorado que foi sobre o assunto "Gramática Pedagógica".

Pode parecer saudosismo em alguns lugares, mas aqui, hoje, fiquei bastante feliz, por ver intervenções do professor Paiva Bolão, de uma lucidez esplêndida. Mas noutros lugares, quando a gente retoma autores mais antigos, isso é visto às vezes como um certo conservadorismo.

Eu preocupo-me muito com o Ensino, uma vez que actuo como professor de Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e, nessa condição, saí pelo Estado fazendo reciclagem de professores da rede estadual. Percorremos 64 municípios e demos preferência à reciclagem dos professores das cidades do interior: é muito difícil para o professor de uma cidade que fica, por exemplo, a 800 Km de distância do Rio de Janeiro ir lá fazer um curso. Por isso, a nossa actuação é mais no interior. Um dos grandes inspiradores do meu trabalho foi um pedagogo que se chamou Amos Comenius. Comenius não era um linguista, era um religioso, uma pessoa que reflectia bem o espírito da época, tinha uma formação humanística. Mas no seu livro Didáctica Magna, existe um capítulo em que o Comenius fala sobre Didáctica das Línguas. E diz assim: "toda a língua deve ser aprendida mais com o uso do que por meio de regras. Não obstante, as regras servirão para ajudar a afirmar o uso. Os preceitos referentes às Línguas devem ser gramaticais e não filosóficos". Se examinarmos uma passagem de Pif Corder no seu livro de Linguística Aplicada, ele também faz uma colocação semelhante. Um professor da Universidade de Telavive, vem estudando uma coisa

que no Brasil é estudada há mais de vinte anos por um pedagogo brasileiro, o professor Lauro de Oliveira Lima: a escola tem que ser um lugar alegre, saudável. Não pode haver confusão entre educação e diversão. No livro desse autor, que se chama "O humor na educação", faz-se uma pesquisa muito interessante mostrando o seguinte, por exemplo: uma aula é chatérrima (de latim, por exemplo) e a segunda aula é prova de Matemática. O desempenho escolar, o desempenho dos alunos, o rendimento na prova de Matemática é desastroso. Agora a situação inversa: uma aula de Latim em que o professor estimulou bastante a motivação dos alunos; posteriormente, na prova de Matemática os índices foram altíssimos.

Vou mostrar daqui a pouco como é que eu desenvolvi a minha Tese, o que não é exactamente igual ao que fez o citado professor de Telavive, porque ele trabalhou muito ao nível da piada, aproveitando inclusivê (quer dizer, aí o trabalho dele é original porque ele fez pesquisa) uma parte da obra do Freud que é o chiste e as suas relações com o inconsciente. Freud examina o problema da piada, mas não ficaria académico (poderia ser tema, mas..., não sei) fazer uma tese de doutorado colocando-se as piadas, mesmo que fossem piadas linguísticas.

Para minimizar esse problema, trabalhei com uma coisa que chamo de Textos Estimuladores da Motivação, como vou mostrar daqui a pouco. Essa denominação foi criada por mim, já num livro que eu havia escrito em 1974 e depois fui aprofundando mais esses conhecimentos.

No Rio de Janeiro - eu vou falar aqui sobre o meu trabalho, que reflecte a Linguística que desenvolvemos lá no Brasil ou pelo menos um sector -, temos a seguinte organização da Linguística: na graduação: Linguística 1 é introdução, Linguística 2 é Fonética e Fonologia, a Linguística 3 é Morfologia e Sintaxe, Linguística 4 é Linguística Aplicada.

Depois o aluno tem um rol de optativas: Sociolinguística, Psicolinguística, Antropolinguística, Linguística do Texto. Fica ao critério do professor. Quando eu voltar vou dar um curso de Linguística do Texto, por exemplo. Outro colega pode chegar e dar um curso de Línguas Indígenas Brasileiras. Existe muita flexibilidade. Mas pelo menos quatro Linguísticas o aluno tem de estudar.

Existe mais ou menos um consenso em relação à Linguística Aplicada. Os objectivos de uma Faculdade de Letras são criar ou formar professores ou pesquisadores. Mas nós sabemos que lamentavelmente países como o Brasil e outros países subdesenvolvidos não arriscam muito as suas verbas com pesquisa na área da Educação. A área de Ciências Humanas é uma área normalmente muito marginal, de modo que o objectivo maior das Faculdades de Letras no Brasil é formar professores que irão actuar nas escolas de 1º e 2º graus. Por isso, temos uma preocupação muito forte no curso de Linguística IV em fazer com que o aluno examine o que é melhor; ou seguir uma directriz apenas normativa ou tentar aproveitar algumas pálidas contribuições que a Linguística tem oferecido.

Dentro desta perspectiva, nós preferimos a primeira: encarar que o nosso aluno do curso de Letras será professor de Língua Portuguesa, ou de Língua Inglesa, ou Francesa, que irá actuar em escola de 1º ou 2º grau. Então a orientação que lhe damos é: "ou você vai usar apenas gramática normativa ou você vai tentar fazer uma conciliação. O que é que você pode utilizar da Linguística para as suas aulas de Língua Portuguesa?"

Obviamente que é uma situação extremamente delicada, uma vez que nos concursos oficiais o que é exigido ao aluno é exactamente Gramática Normativa com todas as suas "gramatiquices". Por exemplo, no último concurso que houve no Rio de Janeiro para professores, na prova de Língua Portuguesa para professores de Língua Portuguesa,

não se apresentava nenhum texto e as questões que caíram foram questões de múltipla escolha: marcar se a pronúncia da palavra "algoz" era [algoʒ] ou [algɔʒ].

Isto marca bastante a posição de "gramatiquero" que lamentavelmente ocorre no Brasil.

Se encontramos numa livraria brasileira (por exemplo, no Rio de Janeiro, a melhor livraria na nossa área é a Livraria Padrão), vamos encontrar uma série de Gramáticas produzidas por autores brasileiros (Bechara, Celso Cunha, Celso Pedro Luft e outros gramáticos) e, mais recentemente, a Nova Gramática do Português Contemporâneo do professor Celso Cunha que, de nova, sinceramente, do ponto de vista Linguístico, não tem praticamente nada. Vejo assim com muito cepticismo como é que, por exemplo, uma pessoa que até tem formação linguística, formação filológica adequada, ainda conserva entre os processos de formação de palavras, um processo que nós Linguístas, em aula, condenamos há mais de dez anos, chamado "derivação imprópria". Como é que se conservam nas Gramáticas determinados exemplos de processos de composição por aglutinação quando esses processos já se perderam no tempo. Por exemplo a palavra "vinagre". A palavra "vinagre" no Rio de Janeiro significa apenas um ingrediente para tempero; na medida em que você, para mostrar ao aluno que "vinagre" é uma aglutinação, mostra lá "vinum" mais "acre", você vai facturar prestígio em cima de um aluno que não sabe absolutamente nada de Latim, mas que até você consegue explicar. Mas depois esse mesmo aluno entra num supermercado e vê escrito assim, por exemplo, "vinagre de álcool, vinagre de vinho, vinagre de maçã". Então não tem nada mais a ver com aglutinação. Mas as Gramáticas Normativas continuam a colocar exemplos dessa natureza e se intitulam como "Novas Gramáticas". Inclusive me parece, com o devido respeito que eu tenho pelos autores, um grande artifício de "marketing". Uma pessoa que espera não ver mais essas

coisas repetidas vai comprar a gramática na esperança de que ela trará obviamente algumas novidades.

Então quem já leu os livros de Halliday ou de Pit Corder ou de Roulet, sabe que os livros são de Teoria, são de Linguística Aplicada Teórica. Não há praticamente livros de Linguística Aplicada no sentido prático. E é uma das agruras do professor de Português porque não quer ser acusado de ser um professor conservador, ultrapassado. Mas ao mesmo tempo, como é prudente, ele não quer ser acusado também de ser um professor "modernoso". Mas não tem tempo de ficar esperando que a Linguística resolva uma série de problemas para que possa incorporar essas inovações à sua actividade docente.

Tudo isso se torna algo extremamente difícil para o professor de Português que trabalha com crianças ou adolescentes.

Por isso, o meu trabalho é um trabalho em que tento conjugar Gramática Normativa e algumas contribuições da Linguística mas desvalorizando as rotulações, o que aliás é uma posição bastante clara de Halliday, quando diz: "O lugar da Fonética e da Linguística é atrás do professor que dá aula". Porque da mesma maneira que nós combatemos as terminologias gramaticais, me parece um acto de prudência, não colocar para o aluno as rotulações Linguísticas também. Um exemplo doméstico: eu tenho um filho, um garoto de treze anos, que estuda num grande colégio do Rio de Janeiro que é o Colégio Pedro II, colégio respeitadíssimo, e no entanto um dia chega a casa e me pergunta o que é que é morfema. Então eu me disse: "esse garoto deve ter escutado aí eu falando com alguém". Mas não. O professor chegou e começou a falar sobre todos os tipos de morfema: morfemas aditivos, subtractivos, não sei o quê. Isso é loucura.

Mas agora é o afã de ser "modernoso". Eu respeito muito mais aquele professor que chega para mim, até com humildade, e diz:

"Olha, eu não sei nada de Linguística, não conheço os "semas", não é, são tantos mas eu não conheço. Então eu vou continuar a dar Gramática Normativa". Eu acho que é uma questão de prudência, é uma questão de escolha. É melhor trabalhar, mexer naquilo que você conhece bem do que naquilo que ainda é um caminho muito nebuloso para você.

Vale a pena lembrar aqui uma passagem que foi escrita (se ela tivesse sido escrita ontem, as pessoas até diriam: "Puxa, como ela é actual!") em 1958. O professor Said Ali dizia o seguinte: "Em matéria, de ensino, não há, que me conste, disciplina que nestes dois ou três lustres tanto se tenha maltratado como a língua nacional". E o mais curioso é que justamente o intuito de metodizar o estudo da gramática dando-lhe um cunho científico produziu um resultado negativo. Foram os mestres em busca do método e da ordem e trouxeram-nos a indisciplina. Os nossos professores, em grande parte, embora muito conhecedores da matéria que ensinam, não têm o necessário preparo pedagógico para saber o que se deve ensinar às crianças e o que se deve reservar para cérebros já desenvolvidos, capazes de entender o valor de certas generalizações e abstrações.

Tais professores sabem geralmente tudo menos pedagogia.

Cuidam que basta empanturrar os espíritos em vias de formação com toda a sorte de conhecimentos elevados para que as pobres criaturinhas as assinalem com a mesma facilidade com que eles, os mestres, as adquiriram. Sentem o indomável prurido de transmitir as novidades científicas, quaisquer que sejam, a todos que os ouvem. E como é reduzido o número de adultos dispostos a deliciar-se com a audição dessas áridas doutrinas, procuram as suas vítimas nos meninos que como alunos têm de prestar atenção aos mestres, nessas plantas tenrinhas que, com o excesso de adubo científico definham em vez de se desenvolverem. Semelhante abuso - que se generalizou no Brasil mas que nunca adquiriu proporções tais em nenhum outro país do mundo civilizado, e muito menos ainda neste último perío-

do do século - teve como consequência a produção, ou antes a super-produção, de Gramáticas de uma pretensão ilimitada, cujo conteúdo não passa de um amontoado informe e caótico de quanta coisa inútil e banal cerebrinos investigadores puderam descobrir no terreno da língua portuguesa e fora dele.

Sobre o problema da reclamação do aluno e da falta de preparo pedagógico do professor, gostaria de ler uma passagem de um pedagogo brasileiro que eu acho especialmente feliz: "Se num hospital os doentes começarem a morrer sistematicamente, a primeira suspeita é que os médicos são incompetentes. Se o edifício ameaça ruir ou as barrancas das traves deslizam, todos apontarão o engenheiro, que o construiu, como responsável. Se as safras anuais não alcançam o nível de rendimento previsto, provavelmente os agrónomos não exerceram bem suas funções. Se a imprensa vai à falência, é que tem mau administrador. Mas se os alunos não aprendem, se são reprovados em massa, é que o professor é rigoroso. Em síntese, o professor é o único profissional acima de qualquer suspeita. Nenhuma empresa, instituição, indústria, hospital, trabalharia com a quota de fracasso do sistema escolar, evasão, reprovação, facto que vem de longe sem sensibilizar os professores e administradores responsáveis por este insucesso catastrófico. Não existe um único livro sobre a incompetência dos mestres, para não se falar na ausência de diagnósticos referentes aos professores narcisistas, sádicos, ignorantes, enrolões, irritadiços, imaturos, neuróticos".

Vou-me referir agora à organização do meu trabalho, que é extremamente longo. Por exemplo, numa aula de ortografia os procedimentos normais são: ou o professor começa a discutir o problema da falta de relação biunívoca entre fonema e letra, ou parte logo para tentar mostrar algumas regras que existem na ortografia portuguesa. A estratégia no meu trabalho é exactamente diferente. Antes de

eu começar a fazer (desculpem a palavra, mas a palavra não é minha, a expressão é de Lauro de Oliveira Lima), antes de começar a fazer um vômito cultural em cima do aluno, eu levo um texto, um texto que está intimamente ligado ao assunto que a ser desenvolvido e que eu chamo de texto Meta-Gramatical. Então, só a título de exemplificação, eu vou ler um texto que eu acho muito interessante para uma aula de ortografia:

"Sei mais ou menos o sentido de cada palavra em relação a cada homem. Sei também a palavra exacta que faz cada homem ficar sentido embora muitos deles não tenham nenhum sentido ainda. Assim confesso que na hora de escrever fico indeciso diante de certas palavras. Por exemplo, não sei porque "exemplo" se escreve com "x" e não com "z", se a gente pronuncia "ezemplo". Outras vezes fico sem saber se se escreve "asa" com "s" ou com "z" e me explicam que "asa" é com "s" e "azar" é com "z". Pego alguns livros de noções elementares e fico cada vez mais sem noção e cada vez mais elementar. Certas regras a gente tem de decorar, não só as regras mas também as excepções. E a maioria das regras tem mais excepções do que regras, salvo as excepções. Bolas, se tiver de decorar tanta coisa não consigo escrever, preocupado que fico com as regras. Sinto-me assim uma "garota-propaganda" que fica assim mais preocupada com o texto que decorou do que propriamente com a mensagem que está transmitindo. Não se sente nenhuma espontaneidade no que diz, justamente porque nem mesmo ela sabe o que está dizendo. Depois me explicam que não existe mais "k" no alfabeto. Abro os jornais e não vejo outra coisa senão "j k" para cá "j k" para lá. Às vezes penso que o "k" foi substituído pelo "c" mas logo verifico que até o "c" renunciou.

Às vezes escrevo "contacto", a revisão corrige para "contato". Mas quando escrevo "jato" a revisão corrige para "jacto". Ninguém

percebe que um jacto sem o "c" fica muito mais leve e tem muito mais possibilidade de chegar. O "c", eles devem guardar para propaganda quando dizem "DC₃, DC₆". De qualquer forma, eu acho complicado esse negócio de avião se chamar DC₈ e ser quadrímotor. Às vezes quero dizer que "sai" e mandam botar acento no i porque se tirar o acento quem sai não sou eu é o outro e aí está a diferença. Falam em ditongos, em hiatos, em dissílabos, em paroxítonos, palavras que me trazem amargas recordações de uma infância cheia de zeros. Quando vou a uma festa nunca sei se devo "dançar" com cedilha ou com "s", só depois dos primeiros passos é que eu percebo que quem dança com "s" não sabe dançar e quem não sabe dançar fica cansado com "s" pois só analfabeto se cansa com cedilha. "Buzina é com "z", mas quem pode me garantir que se eu buzinar com "s" ninguém vai ouvir? "Caçar" é com "ç" mas também tem "cassar" com "ss". Mas isso se explica. "Caça-se" um bicho e "Cassa-se" um documento. Só não se pode "cassar" um documento de um sujeito que esteja "caçando" sem documentos.

Que a Língua Portuguesa tem seus truques, lá isso tem. O próprio "truque" com "q" que é uma adaptação do "truc" francês provando que o "truque" brasileiro tem um certo "q", mas isso não impede que o ballet brasileiro seja dançado em Francês pois a palavra ballet impressiona mais, tanto que eu usei no título "nós vamos usar isso para lá que é falando que a gente se entende, não escrevendo".

Vem depois a posição teórica: uma série de exercícios baseados em algumas coisas de comutação - aí sim entro com alguma coisa da Linguística, mas o objectivo maior foi seguir uma linha pedagógica. Todo o mundo aqui riu, o ambiente descontraído, não é isso? Ninguém vai dizer assim: "O Luiz é um chato: É um brasileiro chato!". Nada disso.

Só para finalizar, a concepção que eu tenho de Gramática Pedagógica. Vocês vão encontrar estes textos, muito simples na crônica do jornal, peguem os humoristas portugueses, por exemplo. É só

você fazer uma selecção. Uma vez uma professora perguntou: "Mas como você arranjou esses textos?" "Foram dez anos de pesquisa. Vou à biblioteca, acho um texto? Não acho nenhum!".

Uma Gramática Pedagógica deve incorporar os factos da Gramática Normativa vistos como exigências sociais e as contribuições da Linguística Contemporânea, instrumentalizando aqueles e estas pedagogicamente. Uma Gramática Pedagógica deve procurar examinar o registo usado pelo aluno e considerar aquilo que ele usa na sua expressão, mesmo que esteja em desacordo com os padrões instituídos pela norma culta. Desprezar esse material é também um suave eufemismo para desprezar também um aluno. São situações que podem afastar o aluno que se sentirá diminuído e insignificante no processo de aprendizagem.

Parece-nos mais pedagógico partir-se do conhecimento para o instituído pela língua culta, mesmo que muitas etapas tenham que ser queimadas, não sentindo assim o aluno nenhuma mudança abrupta. Como conseguir essa mudança? A graduação de estratégias pode ser um caminho para que o aluno não sinta que o seu discurso foi vítima de uma absurda e incoerente violentação.